



ECOSSISTEMAS CRIATIVOS: PERSPECTIVAS TEÓRICAS À LUZ DE UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Danisson Luiz dos Santos Reis¹;

Guilherme Salm Duarte²;

Débora Cristina da Silva Lima³;

Guilherme Paraol de Matos⁴;

Clarissa Stefani Teixeira⁵;

Abstract: *The era of knowledge brings with it a new perspective on research that seeks to understand the social and economic arrangements, or systems, that drive territorial development. From this perspective, the terminology creative ecosystem emerged to designate these networks based on creativity, culture and symbolic capital, but this is still characterized as a nomenclature on the rise. In this context, this article seeks to understand the scientific panorama on creative ecosystems and, to this end, outlines an integrative review on the topic based on articles collected in Scopus, Web of Science and Ebsco. Through the review, it was possible to integrate the knowledge present in the corpus and contribute to the formation of a unified definition, as well as the characterization of actors, benefits and challenges of these ecosystems. Keywords: Innovation ecosystem; Creative economy; Creative and cultural sectors; Systematized review.*

Resumen: *La era del conocimiento ha traído consigo una nueva mirada de la investigación que trata de comprender los acuerdos o sistemas sociales y económicos que impulsan el desarrollo territorial. Desde esta perspectiva, ha surgido la terminología ecosistema creativo para designar*

¹ Programa de Pós-Graduação em Engenharia, Mídia e Gestão do Conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Florianópolis – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5656-6519>. e-mail: danisson.sergipe@gmail.com.

² Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Florianópolis – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6447-7580>. e-mail: guilhermesalm@gmail.com.

³ Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação – Universidade Federal de Alagoas (UFAL) Maceió – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8410-280X>. e-mail: deboracs@gmail.com.

⁴ Programa de Pós-Graduação em Engenharia, Mídia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3303-0962>. e-mail: gparaol@gmail.com.

⁵ Programa de Pós-Graduação em Engenharia, Mídia e Gestão do Conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Florianópolis – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1362-1255>. e-mail: clastefani@gmail.com.



estas redes basadas en la creatividad, la cultura y el capital simbólico, pero se trata aún de una nomenclatura en alza. En este contexto, este artículo pretende comprender el panorama científico de los ecosistemas creativos y, para ello, elabora una revisión integradora sobre el tema a partir de artículos recogidos en Scopus, Web of Science y Ebsco. A través de la revisión, fue posible integrar el conocimiento presente en el corpus y contribuir a la formación de una definición unificada, así como caracterizar los actores, beneficios y desafíos de estos ecosistemas.

Palabras clave: Ecosistema de innovación; Economía creativa; Sectores creativo y cultural; Revisión sistematizada.

Resumo: A era do conhecimento traz consigo um novo olhar sobre pesquisas que procuram entender os arranjos, ou sistemas, sociais e econômicos que impulsionam o desenvolvimento territorial. Por esta ótica, surge a terminologia ecossistema criativo a fim de designar essas redes fundamentadas na criatividade, na cultura e no capital simbólico, porém esta ainda se caracteriza como uma nomenclatura em ascensão. Neste contexto, o presente artigo procura compreender o panorama científico sobre ecossistemas criativos e, para tal, traça uma revisão integrativa sobre o tema a partir de artigos coletados na *Scopus*, *Web of Science* e *Ebsco*. Por meio da revisão, foi possível integrar os conhecimentos presentes no corpus e contribuir com a formação de uma definição unificada, bem como com a caracterização de atores, benefícios e desafios destes ecossistemas.

Palavras-chave: Ecossistema de inovação; Economia criativa; Setores criativos e culturais; Revisão sistematizada.

1. INTRODUÇÃO

A emergência da era do conhecimento traz consigo uma nova dinâmica onde uma economia baseada na informação, na criatividade e na inovação são os pilares fundamentais para o progresso. Em contraste com as eras agrícola e industrial, a sociedade contemporânea valoriza a capacidade de criar e aplicar conhecimento, impulsionando o desenvolvimento de novos produtos, serviços e processos (Duarte, Salm, Franzoni, Franzoni & Willerding, 2023).

Por consequência, pesquisadores têm se empenhado em entender como diferentes arranjos, sejam eles sociais, institucionais ou geográficos, podem impulsionar o conhecimento, a inovação e a criatividade em prol do desenvolvimento econômico territorial, como, por exemplo: sistemas de inovação (Freeman, 1987); quádrupla hélice (Carayannis & Campbell, 2009); clusters



criativos (Pratt, 2009); ecossistemas de inovação (Moore, 1993); ecossistemas criativos (Fanzini, Bergamini, & Rotaru, 2013), entre outros.

O uso do termo ecossistemas remete às ciências naturais e denota um sistema “vivo”, onde a vida é criada, se adapta e evolui, com intensa interação e sinergia (Audy, 2017). De Bernard, Comunian e Gross (2022) afirmam que nos últimos anos cresceu a ênfase de estudar os aspectos culturais e setores criativos numa perspectiva ecológica, promovendo assim a criação emergente do campo de estudos sobre ecossistemas criativos.

Todavia, a nomenclatura “ecossistema criativo” é recente e ainda pouco utilizada (De Bernard et al, 2022). Neste contexto, o presente artigo tem como objetivo compreender o panorama científico sobre ecossistemas criativos. Para tal, uma revisão integrativa foi conduzida para entender como a pesquisa acadêmica aborda esta temática.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O uso da analogia dos ecossistemas naturais para representar os sistemas complexos interorganizacionais passou a ter notoriedade quando Moore (1993) conceituou ecossistema de negócios como uma estrutura dinâmica de organizações interligadas, que dependem umas das outras visando à sobrevivência mútua. O conceito estabelecido por Moore evoluiu até o que hoje é definido como ecossistemas de inovação, como pode ser encontrado na definição proposta por Granstrand e Holgersson (2020).

A analogia proporcionada pelo uso do termo “ecossistema”, para capturar as complexas inter-relações presentes para caracterizar os ciclos de produção e consumo em dado território, passou a ser utilizado em outras áreas da economia, como, por exemplo, os ecossistema de conhecimento (Clarysse, Wright, Brunnel & Mahajan, 2014) e, mais recentemente, os ecossistemas criativos (De Bernard et al, 2022).

Além da inovação, a força motriz dos ecossistemas criativos é a economia criativa. Esta é entendida como parte da economia do conhecimento e totaliza o conjunto de setores, além de



profissionais e artistas, que desenvolvem bens criativos e culturais (i)materiais a partir do conhecimento das mais variadas formas de criatividade ou do capital intelectual, criando um nexo entre semiótica, cultura, economia e tecnologia, permitindo a geração de renda e empregos, inclusão social, diversidade cultural e desenvolvimento humano (Howkins, 2002; Almeida, Reis, & Lima, 2021).

3. METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo estabelecido neste artigo, foi conduzida uma pesquisa qualitativa (Creswell, 2010), que utilizou como técnica uma revisão integrativa de acordo com os procedimentos de Torracco (2005), e Whitemore e Knafl (2005).

O primeiro passo da revisão foi conduzir uma busca nas bases de dados utilizando a *string* de busca: “*“Creative ecosystem” OR “Creative ecosystems”*”. Estes termos chaves foram identificados nos títulos, resumos e palavras-chaves, sem haver restrição de temporalidade. A busca ocorreu nas bases *Scopus*, *Web of Science* e *Ebsco* no primeiro semestre de 2024. Estas bases de dados foram escolhidas pelo seu caráter multidisciplinar e por conterem fontes relevantes, periódicos indexados e congressos com bons índices quartis e fatores de impacto (Chapain & Sagot-Duvaurox, 2020).

Para seleção, foram definidos dois critérios de inclusão: artigos que tenham ecossistemas criativos como objeto central do trabalho; e status final de publicação disponível nas bases. Já os critérios de exclusão foram: foco em estudos artísticos ou de cultura, ou na reação do ecossistema frente a intervenções artísticas e similares. Não foram excluídos artigos por causa do idioma da escrita, do ano de publicação ou do país de origem.

Após a busca nas bases individualmente, os resultados foram unificados em tabela única (n =143) para identificar redundâncias. Em sequência foi realizada uma inspeção nos artigos lendo seus títulos, resumos e palavras-chaves, a fim de garantir a adesão destes ao objetivo preconizado pela revisão. Após a retirada de um quantitativo maciço na inspeção, permaneceram



15 artigos. Em sequência, foi conduzida uma leitura em profundidade para garantir a consistência dos artigos e iniciar a extração de dados, resultando em um *corpus* final constituído por 10 artigos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Os 10 artigos que compõem o corpus final podem ser vislumbrados no Quadro 01.

Quadro 01 - Artigos do corpus final

Título	Base de dados	Ano de publicação	Autor	Objetivo do artigo
<i>Sustainability, culture and urban regeneration: New Dimensions for the Technological Project.</i>	EBSCO	2013	Fanzini, Bergamini e Rotaru	Demonstrar como um ecossistema criativo pode ser o pilar para o desenvolvimento sustentável a partir de um caso na Itália.
<i>Joining the Dots- Understanding the Value Generation of Creative Networks for Sustainability in Local Creative Ecosystems</i>	Web of Science	2021	Komorowski, Lupu, Pepper e Lewis.	Analisar as redes criativas dentro dos principais ecossistemas criativos do Reino Unido.
<i>Designing regional innovation systems in transitional economies: A creative ecosystem approach</i>	Scopus	2021	Gasparin e Quinn	Propôr um processo, que pode desencadear a formação de um ecossistema criativo no Vietnã a partir do sistemas regionais de inovação.
<i>Cultural and creative ecosystems in medium-sized cities: Evolution in times of economic crisis and pandemic</i>	Scopus	2021	Escalona-Orcao, Barrado-Timón, Escolano-Utrilla, Sánchez-Valverde, Navarro-Pérez, Pinillos-García e Sáez-Pérez	Identificar possíveis territórios criativos em cidades de médio porte da Espanha durante a pandemia de covid19.



<i>Toward circular governance in the culture and creative economy: Learning the lessons from the circular economy and environment</i>	Scopus	2022	Pratt	Propôr um paralelismo e integração conceitual entre ecossistema criativo e economia circular.
<i>Theoretical Approaches and Methodological Challenges in the Study of the Cultural and Creative Ecosystem</i>	Scopus	2022	Laže, Kunda e Tjarve	Entender o conceito de ecossistema criativo tendo como ponto de vista a Letônia.
<i>Cultural and creative ecosystems: a review of theories and methods, towards a new research agenda</i>	Scopus	2022	De Bernard, Comunian e Gross	Compreender a agenda de pesquisa para ecossistemas e ecologias criativas e culturais
<i>Creative incubator model as a catalyst agent to dynamize the creative ecosystem in a cultural city</i>	Scopus	2022	Humpiere e Álvarez	Compreender o papel de uma incubadora criativa dentro de um ecossistema criativo.
<i>Patrimonio cultural inmaterial y ecosistemas creativos: una revisión de literatura</i>	Scopus	2023	Pérez e Hincapié	Prover entendimento sobre a conexão entre ecossistemas criativos e patrimônio cultural imaterial.
<i>Connecting craft, design and the wood industry in South Tyrol: From clusters to creative ecosystem</i>	Scopus	2023	Viganì, England e Comunian	Analisar a evolução de um cluster criativo até um ecossistema criativo a partir do caso de Tirol do Sul na Itália.

Fonte: desenvolvido pelos autores (2024)

Percebe-se que o primeiro achado sobre ecossistemas criativos data de 2013, porém o termo só começa a ganhar popularidade quase 10 anos depois. Não significa que não havia estudos científicos sobre o potencial do desenvolvimento de territórios a partir da economia criativa antes deste arco temporal, mas, possivelmente, estes estão sobre a lupa de outros construtos como clusters, distritos e outras aglomerações, como evidenciado na revisão sistemática de Chapain e Sagot-Duvaurox (2020).



É notável que, devido ao fato de ser uma literatura jovem, não há uma gama de abordagens metodológicas. Os artigos buscam debater o conceito de ecossistema criativo a partir de uma lupa teórica, como em Pratt (2022), De Bernard et al (2022), Humpire e Álvarez (2022), e Pérez e Hincapié (2023); ou apresentar um estudo de caso, como em Fanzini et al (2013), Komorowski et al (2021), Gasparin e Quinn (2021), Lake et al (2022) e Viganì et al (2023).

Por fim, são percebidos 04 tópicos recorrentes nas obras analisadas: uma busca em definir o que é esse construto/terminologia; uma tentativa de apresentar os atores que compõem este ecossistema; apresentar os principais benefícios; e mostrar os desafios presentes.

4.2 DEFINIÇÕES

Quando uma nova nomenclatura passa a ser usada, há a necessidade de conceituá-la na sequência, trazendo forma e precisão para o uso adequado desta. O artigo mais antigo do *corpus* aqui trabalhado, Fanzini et al (2013), estabelece o ecossistema criativo como uma união de três pilares: economia, representada pelos setores criativos e culturais; pessoas, os talentos criativos; e lugar, os espaços criativos. Sendo que esses pilares estabelecem coesão pela conectividade e pela governança.

Komorowski et al (2021) definem ecossistemas criativos como espaços de aglomeração de atividades criativas em que há colaborações entre os atores criativos, sendo que a criatividade possui papel central nessa organização sistêmica. Já, Gasparin e Quinn (2021) trazem uma perspectiva dos ecossistemas criativos como uma derivação dos sistemas regionais de inovação. Para os autores, os ecossistemas criativos acrescentam a identificação dos valores culturais e sociais ao valor econômico dos sistemas de inovação. Desta forma, um ecossistema criativo robusto compensa um arranjo institucional pouco representativo, pois a partir da interação de sua complexa rede de atores, produz processos e resultados inovadores e criativos moldados pelos valores econômico, social e cultural.



Gasparin e Quinn (2021) complementam que o ecossistemas criativos são cruciais, pois identificam o valor criado pelos setores criativos e culturais de um dado território, e compreendem o suporte necessário que precisa ser fornecido para tais setores.

De Bernard et al (2022) enfatizam que a terminologia ecossistema criativo passa a ser usada para: indicar as complexas inter-relações que “sempre já existem” sobre a produção cultural e criativa; nomear uma visão ecossistêmica para analisar e compreender os setores culturais e criativos, que enfatizam a importância das relações entre os atores criativos; desenvolver abordagens para políticas e práticas culturais; e pensar formas de governança cultural e criativa.

Pratt (2022) faz o uso do termo ecossistema nessa configuração para o desenvolvimento da economia criativa, usado para capturar o caráter circular, recursivo e de retroalimentação da (re)produção criativa e cultural. Sendo assim os ecossistema criativos são o suporte sistêmico e institucional para o processo criativo entendido aqui como um processo iterativo e heurístico que abrange uma ideia criativa, sua criação como um objeto (i)material, reprodução, distribuição, troca e arquivamento, alimentando-se de novas ideias e retroalimentando o cenário.

Os autores Lake et al (2022) trazem em seu trabalho o ecossistema criativo como uma concepção que visa superar os conceitos que enxergam os setores criativos no território apenas como clusters ou cadeias de abastecimento orientados somente para o crescimento econômico. Lake et al (2022) defendem que estudos que usam como base o conceito de ecossistemas criativos em relação a outras abordagens territoriais da economia criativa, promovem a criação de novos conhecimentos sobre a dinâmica do setor cultural e criativo, que, por si só, é algo heterogêneo e com diversos atores, serviços, produtos, conceitos, necessidades, valores e capitais.

Assim como Lake et al (2022), Humpire e Álvarez (2022) defendem que o ecossistema criativo é uma evolução conceitual dos clusters criativos, só que visualmente imaginado como um sistema neuronal, onde todos os nós estão interligados, criando e compartilhando recursos.

Por fim, dentro das definições encontradas no *corpus*, Pérez e Hincapié (2023) sustentam que os ecossistemas criativos são uma perspectiva de análise do desenvolvimento de ações para o



fomento da gestão cultural. Desta forma, é definido como um conjunto de regras e atores que integram o ciclo produtivo de bens criativos e culturais, que coexistem de forma dinâmica e permitem o feedback entre si, gerando benefícios sociais, econômicos e culturais.

Ao integrar os conhecimentos apresentados aqui, pode-se definir ecossistemas criativos como um sistema complexo de atores criativos conectados que se inter-relacionam e colaboram uns com os outros, visando a geração de valor social, econômico e cultural em um dado espaço geográfico, por meio da garantia e da efetivação do ciclo produtivo e de consumo de bens criativos e culturais (i)materiais provenientes da economia criativa.

Importante frisar que os ecossistemas criativos saudáveis não estão circunscritos somente a grandes centros urbanos, como denotado pelo trabalho de Escalona-Orcao et al (2021), onde os autores evidenciam a existência de ecossistemas criativos saudáveis em áreas rurais e centros de médio e pequeno porte do interior espanhol, a partir da técnica de quociente locacional.

4.3 ATORES

Ao prestar atenção nas definições propostas dentro do corpus usado por este artigo, um ponto em comum é a ênfase na construção da identidade dos atores criativos, fato ressaltado por Lake et al (2022), que comentam que os estudos teóricos precisam versar sobre os limites dos ecossistemas e quem são os atores ou participantes.

Komorowski et al (2021) propõem um conjunto de atores essenciais a partir da ótica da quádrupla hélice de Carayannis e Campbell (2009). Segundo Komorowski et al (2021), tem-se: i) Governo, representado pela política pública, que cria leis de fomento e suporte e pelo investimento público; ii) Setor Produtivo, onde se têm pequenas e médias empresas, grandes players do mercado e freelancers; iii) Academia, com a função de gerar talentos por meio de escolas e universidades; e iv) Sociedade, aqui sendo um termo guarda-chuva para falar sobre organizações sem fins lucrativos, associações, instituições, habitats de inovação, caridade e a população em geral.



Gasparin e Quinn (2021) destacam seis atores ao analisarem a conversão de sistemas regionais de inovação em ecossistemas criativos: i) Governo, como instituição, financiador e gerador de leis; ii) Setores Criativos, incluindo aqui organizações criativas e intermediários criativos; iii) Investidores; iv) Filantropia; v) Beneficiários, representados por consumidores, moradores, transeuntes e outros; vi) Escolas e Universidades, para geração de talentos e P&D.

Lake et al (2022) apresentam 04 atores: i) Iniciativa Pública; ii) Setores Criativos e Culturais; iii) Organizações sem fins lucrativos; iv) Escolas e Universidades, para geração de talentos. Por sua vez, De Bernard et al (2022) apresentam um conjunto de atores similar ao de Lake et al (2022), porém frisando que os setores criativos e culturais também são formados por organizações criativas e intermediários criativos, e lembrando da existência dos equipamentos culturais do território.

Humpire e Álvarez (2022) propõem que os atores essenciais são: i) Universidades; ii) Associações; iii) Investidores; iv) Habitats de inovação; v) Agências de desenvolvimento; vi) Artistas; vii) Startups criativas; e viii) Empresas criativas. Inclusive, os autores destacam o papel dos habitats de inovação como catalisadores do movimento de inovação dentro do ecossistema criativo, como um agente que facilita, promove e fortalece relacionamentos entre diferentes nós, melhorando as conexões e aproveitando características emergentes, como aprendizagem coletiva, conhecimento, seleção, integração e promoção de projetos inovadores desde seus estágios iniciais.

Por fim, entre os autores do corpus que trazem sua proposição de atores, Pérez e Hincapié (2023) afirmam que estes são: i) iniciativa pública; ii) setores criativos e culturais; iii) organizações sem fins lucrativos; iv) universidades; e v) público. Pérez e Hincapié (2023) enfatizam o papel contributivo do ecossistema criativo para o turismo ao mencionar que o ator “público” compreende também os turistas e locais atraídos pelas ações de consumo cultural.

Analisando a miscelânea de abordagens, o presente artigo propõe como atores essenciais para a composição de um ecossistema criativo: i) **Iniciativa pública**, que permite a criação de leis de apoio, de incentivo e de proteção à propriedade intelectual e aos direitos autorais, bem



como fornece a infraestrutura física e investimentos para o suporte à economia criativa; ii) **Investidor**, que pode ser público ou privado, mas que provém apoio financeiro, reembolsável ou não, para o desenvolvimento e existência de bens criativos e culturais; iii) **Setor criativo e cultural**, composto por empresas da economia criativa de todos os portes, *freelancers*, profissionais criativos, artistas, equipamentos culturais, organizações criativas e intermediários criativos; iv) **Escolas e Universidades**, responsáveis pela geração de talentos, bem como pela geração de novos conhecimentos; v) **Organizações sem fins lucrativos**, instituições e associações que apoiam a cultura e a criatividade, ora por meio da caridade e da filantropia, ora por meio da representação institucional dos interesses da classe criativa; vi) **Habitats de inovação**, espaços físicos que fomentam a inovação dentro do ecossistema, seja pela conexão ou pelo apoio aos projetos criativos e culturais; e vii) **Beneficiários**, compostos pelos moradores, trabalhadores, transeuntes, turistas, compradores e todos os cidadãos que são afetados direta e indiretamente;

4.4 BENEFÍCIOS

Entre os achados teóricos, há a identificação das principais vantagens para os territórios da existência de ecossistemas criativos fortes e desenvolvidos, entre esses, a aglomeração resultante do setor criativo e cultural é, possivelmente, o principal benefício. Esta aglomeração traz à reboque outras benesses, como: o aumento da sinergia e da interação, permitindo a criação de redes formais e informais de criação produtiva; *cross-fertilization* e *crossover* entre setores criativos diferentes, promovendo a criação de novos produtos e serviços culturais e criativos, bem como de novos enfoques artísticos; e aumento da oportunidade de realização de negócios (Gasparin & Quinn, 2021; Lake et al, 2022; Viganì et al, 2023).

Outra consequência dessa aglomeração é um uso mais adequado das leis e acordos internacionais de proteção da propriedade intelectual. Neste ponto, o governo, por meio de leis e associações, é vital para garantir o direito de todos e permitir a existência de uma motivação



contínua para a criação de novos produtos e serviços com capital simbólico, bem como a garantia dos retornos financeiros sobre a produção (Gasparin & Quinn, 2021).

Também é destacado como benefício pelos autores a melhoria dos padrões sociais no território, fato observado pela revitalização física do local e pela melhora generalizada da qualidade de vida, inclusive para aqueles que não trabalham ou dialogam diretamente com a cultura e a criatividade (Gasparin & Quinn, 2021; Laçe et al, 2022). O ecossistema criativo também funciona como uma ferramenta de inclusão social, já que permite a inserção de grupos marginalizados na cadeia de valor do território (Gasparin & Quinn, 2021).

Um terceiro benefício evidenciado no *corpus* é a contribuição dos ecossistemas criativos para o desenvolvimento sustentável (Fanzini et al, 2013; Komorowski et al, 2021; Gasparin & Quinn, 2021). Inclusive, Fanzini et al (2013) sugerem uma conexão direta com a proposta de desenvolvimento sustentável, afirmando que ecossistemas criativos criam uma conexão entre os três pilares fundamentais da sustentabilidade acrescentando um quarto pilar, a cultura.

Por fim, os artigos evidenciam a contribuição para as atividades turísticas. Pérez e Hincapié (2023) e Viganì et al (2023) evidenciam que um ecossistema forte contribui para a revitalização de um território criativo, que atrai turistas para experienciarem atividades culturais e criativas ímpares, ou seja, o ecossistema criativo potencializa a existência de um turismo cultural, criativo e de experiência.

4.5 DESAFIOS

Um ponto interessante é a ausência de artigos no *corpus* analisado que abordam como desafio a gentrificação, tema este recorrente na literatura sobre territórios criativos (Zukin & Braslow, 2011; Michel, 2021). Outro fato é a ausência de foco em comentar as adversidades, há uma preferência por parte dos autores em apresentar uma reconstituição dos fatos, sem deixar claro os principais desafios enfrentados e como estes foram superados, ou como se espera superá-los no futuro.



Retomando, o principal desafio encontrado dentro do corpus é a necessidade de avaliar o impacto do desenvolvimento dos ecossistemas criativos, tanto do ponto de vista de investimentos econômico-financeiros, como do ponto de vista do impacto de ações estruturadas (Gasparin & Quinn; 2021; Lake et al, 2022; Pérez & Hincapié, 2023)

Segundo Lake et al (2022), não há a contemplação de uma dimensão de valor que atenda objetivos de longo prazo nos ecossistemas criativos, e o foco está em mensurações na produção física. Pérez e Hincapié (2023) complementam, ao afirmarem que é fundamental compreender que o valor gerado em um ecossistema está além de benefícios materiais, sendo necessário uma perspectiva multidisciplinar que integre valores sociais, ecológicos, recreativos, simbólicos, artísticos, culturais e econômicos.

Além dessa visão de valor em nível macro, Gasparin e Quinn (2021) destacam a necessidade de aprofundar tal debate em nível individual, pois, segundo os autores, o conflito entre a visão artística e a financeira tende a impedir o desenvolvimento saudável dos ecossistemas criativos. Há uma demanda em equilibrar essas duas visões, e uma não pode sobrepor a outra para construção de um ecossistema criativo desenvolvido.

Lake et al (2022) também enumeram em seu artigo uma série de desafios para os ecossistemas criativos, destacando-se: a necessidade de investimento, uma identidade cultural direcionada para o desenvolvimento do ecossistema, atores em rede, capital humano, governança e políticas públicas orientadas para o desenvolvimento e fortalecimento.

5. CONCLUSÃO

O presente artigo tem como objetivo compreender o panorama científico sobre ecossistemas criativos, fato este que foi realizado por meio de uma revisão integrativa. Após uma pesquisa em três bases de relevância (*Scopus, Ebsco, Web of Science*), sem restrições temporais ou de formatos, e, ao fim da inspeção e da leitura em profundidade, foi obtido um corpus com 10



artigos científicos. Percebeu-se que é possível clusterizar os achados em 04 grupos: definição, atores do ecossistema criativo, benefícios e desafios.

A principal implicação teórica, em decorrência da revisão, é a proposição de uma definição para ecossistema criativo como um sistema complexo de atores criativos conectados que se inter-relacionam e colaboram uns com os outros, visando a geração de valor social, econômico e cultural em um dado espaço geográfico, por meio da garantia e da efetivação do ciclo produtivo e de consumo de bens criativos e culturais (i)materiais provenientes da economia criativa.

Outra implicação teórica evidente é a identificação de 07 atores presentes nestes ecossistemas, que são: iniciativa pública; investidor; setor criativo e cultural, escolas e universidades; organizações sem fins lucrativos; habitats de inovação; e beneficiários.

O *corpus* evidencia como principais benefícios: aglomeração, atração e fortalecimento do setor criativo e cultural; aumento da sinergia e da interação entre os atores; cross-fertilization e crossover entre setores criativos diferentes; impacto social positivo; retenção e atração de talentos; inclusão social; fomento ao desenvolvimento sustentável; e potencialização das atividades turísticas. Já como principais desafios, a literatura apresenta: formas de avaliar o impacto do desenvolvimento dos ecossistemas criativos; o contraste entre a visão artística e a financeira; a necessidade de investimento; foco no desenvolvimento do ecossistema; rede de atores; recursos humanos; governança; e políticas públicas.

Como limitação, o número de documentos presentes no corpus final pode dificultar generalizações e uma síntese de novos conhecimentos mais efetiva. Faz-se necessário ampliar tal quantitativo por meio de teses, dissertações, *working papers* ou publicações não indexadas pelas plataformas que foram trabalhadas neste documento. Também é interessante repetir as análises realizadas pelos artigos do corpus em outras unidades territoriais, a fim de levantar um maior número de casos e dados para serem analisados.

AGRADECIMENTOS



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Os autores agradecem a CAPES, por apoiar financeiramente este trabalho através da bolsa CAPES/PROEX.

REFERÊNCIAS

- Almeida, E. S., Reis, D. L. S., & Lima, D. C. S. (2021). Transformação Digital e Economia Criativa: Um estudo sobre impactos nos empreendimentos criativos durante a pandemia do COVID-19. *International Journal of Knowledge Engineering and Management*, 10(27), 157-178.
- Audy, J. (2017). A inovação, o desenvolvimento e o papel da Universidade. *Estudos Avançados*, 31(90), 75-87.
- Carayannis, E. G., & Campbell, D. F. (2009). 'Mode 3' and 'Quadruple Helix': toward a 21st century fractal innovation ecosystem. *International journal of technology management*, 46(3-4), 201-234.
- Chapain, C., & Sagot-Duvaurox, D. (2020). Cultural and creative clusters—a systematic literature review and a renewed research agenda. *Urban Research & Practice*, 13(3), 300-329.
- Clarysse, B., Wright, M., Bruneel, J., & Mahajan, A. (2014). Creating value in ecosystems: Crossing the chasm between knowledge and business ecosystems. *Research Policy*, 43(7), 1164-1176.
- De Bernard, M., Comunian, R., & Gross, J. (2022). Cultural and creative ecosystems: a review of theories and methods, towards a new research agenda. *Cultural Trends*, 31(4), 332-353.
- Duarte, G. S., Salm, D., Franzoni, A. M. B., Franzoni, C. B., Willerding, I. A. V. (2023). Tendências Estratégicas na Era do Conhecimento: o Capital Intelectual e a Gestão do Conhecimento Como Diferenciais Competitivos. In: Anais do XX Congresso Virtual de Administração, Brasil.
- Escalona-Orcao, A., Barrado-Timón, D. A., Escolano-Utrilla, S., Sánchez-Valverde, B., Navarro-Pérez, M., Pinillos-García, M., & Sáez-Pérez, L. A. (2021). Cultural and creative ecosystems in medium-sized cities: Evolution in times of economic crisis and pandemic. *Sustainability*, 13(1), 49.



- Fanzini, D., Bergamini, I., & Rotaru, I. (2013). Sustainability, culture and urban regeneration: New Dimensions for the Technological Project. *TECHNE-Journal of Technology for Architecture and Environment*, 60-65.
- Freeman, C. (1987). *Technology policy and economic performance: lessons from Japan*. London: Pinter Publishers.
- Gasparin, M., & Quinn, M. (2021). Designing regional innovation systems in transitional economies: A creative ecosystem approach. *Growth and Change*, 52(2), 621-640.
- Granstrand, O., & Holgersson, M. (2020). Innovation ecosystems: A conceptual review and a new definition. *Technovation*, 90, 102098.
- Howkins, J. (2002). *The creative economy: How people make money from ideas*. Penguin UK.
- Humpire, E. Q., & Álvarez, M. D. G. (2022). Creative incubator model as a catalyst agent to dynamize the creative ecosystem in a cultural city. *Biblios: Revista electrónica de bibliotecología, archivología y museología*, (84), 79-95.
- Komorowski, M., Lupu, R., Pepper, S., & Lewis, J. (2021). Joining the dots — Understanding the value generation of creative networks for sustainability in local creative ecosystems. *Sustainability*, 13(22), 12352.
- Laķe, A., Kunda, I., & Tjarve, B. (2022). Theoretical Approaches and Methodological Challenges in the Study of the Cultural and Creative Ecosystem.
- Michel, B. (2021). Art, creativity, and tourism in creative quarters: trajectory and tensions of the cultural scene of the M50 art district in Shanghai. *Cybergeog: European Journal of Geography*.
- Pérez, F. M., & Hincapié, J. M. M. (2023). Intangible Cultural Heritage and Creative Ecosystems: a Literature Review. *Revista Finanzas y Política Económica*, 15(2), 17-18.
- Pratt, A. C. (2009). Urban regeneration: From the artsfeel good'factor to the cultural economy: A case study of Hoxton, London. *Urban studies*, 46(5-6), 1041-1061.
- Pratt, A. C. (2022). Toward circular governance in the culture and creative economy: Learning the lessons from the circular economy and environment. *City, Culture and Society*, 29, 100450.
- Torraco, R. J. (2005). Writing integrative literature reviews: Guidelines and examples. *Human resource development review*, 4(3), 356-367.
- Viganì, F., England, L., & Comunian, R. (2023). Connecting craft, design and the wood industry in South Tyrol: From clusters to creative ecosystem. *Journal of Rural Studies*, 104, 103149.



Whittemore, R., & Knafl, K. (2005). The integrative review: updated methodology. *Journal of advanced nursing*, 52(5), 546-553.

Zukin, S., & Braslow, L. (2011). The life cycle of New York's creative districts: Reflections on the unanticipated consequences of unplanned cultural zones. *City, Culture and Society*, 2(3), 131-140.